



A simbologia animal na arte escultórica do Cemitério São Miguel Arcanjo da Cidade de Goiás

Gleidson de Oliveira Moreira
Universidade Federal de Goiás
kareminus@gmail.com

Resumo: Permeando o imaginário medieval, nos séculos V a XII, a simbologia animal, disseminada pela igreja católica, compreendeu a principal ferramenta de articulação clerical em um mundo rural ocupado por homens e mulheres iletrados. Portadora do discurso protetor das almas e disciplinador de corpos, a igreja utilizará da simbologia animal para catequização e, posterior doutrinação dos fiéis. Após a fase de catequização, surge a literatura chamada Bestiária que atribuiu aos animais a relação de seu perfil ao caráter moral humano. Reinventada ao longo do tempo, o objetivo dessa comunicação é entender como a prática da simbologia animal chegou à atualidade, que adequações e dinâmicas imagéticas foram redefinidas para justificar a permanência do uso destas simbologias, situação observada no Cemitério São Miguel Arcanjo localizado na cidade de Goiás.

Palavras-chave: Simbologia animal. Cemitério São Miguel Arcanjo. Arte escultórica

Largamente empregada na Idade Média, o que nos legou referências até na atualidade, a simbologia animal precisa ser encarada, segundo Tiago de Oliveira Bruinelli, como uma linguagem de múltiplas conotações. Estudar o medievo, do ponto de vista da imagem, é tentar, por sua abordagem, compreender a mentalidade que a produziu. Nesse sentido quem as criou, porque, e que funções desempenharam?

Marcado por intensa convivência com o mundo rural, os homens do medievo conheciam a importância dos animais domesticados: cavalo, coelho, boi e o cão; os selvagens, como o lobo, o leão; os de caça, como o veado, o cervo; e um grande número de pássaros, peixes e insetos. Esses e outros animais foram conhecidos e descritos, na época, com interesses outros que não uma análise científica. A maioria dos Bestiários é de origem clerical, antes de tudo utilizados para catequizar os fiéis. Cada descrição de animal trazia uma lição moral, descrevendo defeitos e pecados, os quais os homens deviam evitar, e virtudes as quais deviam seguir.

Diferentemente da Idade Média, a noção de pecado e salvação da alma observada no imaginário contemporâneo, é fortemente influenciada por outras referências que não apenas aquela de teor religioso. Nesse sentido, o estudo da simbologia animal em Goiás abrirá um



novo capítulo referente à historiografia da morte, a relação dos símbolos animais para afirmação de grupos políticos.

Se na Idade Média cada animal era considerado um “livro”, carregado de significados ocultados por Deus, e que deviam ser desvendados por monges na tentativa de contribuir para que os homens menos esclarecidos escapassem do pecado e das tentações, na contemporaneidade, na cidade de Goiás, políticos de origem nobiliárquica o reproduzem apropriando-se de um discurso cuja prática os torna guardiões da memória familiar, procuradores de representações públicas e coletivas expressas na ideia de fidelidade, situação remetida à relação dos cães e os homens.

Tomada como estudo de caso, encontra-se no cemitério São Miguel de Arcanjo, localizado na cidade de Goiás, evidências da cultura material pela arte escultora referendada pela Idade Média. Mas que função a simbologia animal desempenhou no cemitério da cidade de Goiás?

Representada por famílias tradicionais, a *urbs* vilaboense, de origem rural, trouxe de seu passado europeu valores que os remeteram a origens medievais, como o caso da família Caiado.

Provenientes de Portugal, os Caiado têm marcada sua presença na história regional em 1730, período recente a ocupação pela Capitania de São Paulo a qual pertencia Goiás. Estimulados pelo desejo de enriquecimento fácil, fundamentado pelo mito do El Dourado, os Caiado se dirigiram à Goiás, não pelo brilho das fainas, mas pela intenção de fundar e expandir mercados balizados pela produção pecuarista. Principal motivo em questão: aptidão (RIBEIRO, 1998; p.189). Independente dos motivos que os legaram a lida com o gado, e não com o ouro como o faziam a maioria dos exploradores, observa-se o contato destes com animais. Símbolo de riqueza e fartura, o boi representará na iconografia política, o investimento no latifundiário. A propriedade da terra torna-se, portanto, símbolo de investimento político representado pelo gado. Observado pelo viés religioso como força de trabalho e, no campo político, como distinção social por simbolizar prestígio econômico, o boi não será o único animal agregador de significados.

Para o goiano, os cuidados com a vida e os prestígios nela obtidos refletiam os cuidados com a morte. Morrer possuía vários significados. Existia o bem morrer em casos de pessoas bondosas, morriam-se como um passarinho, ou de forma trágica, sofrida aqueles que

não tinham sido boas durante a vida. Logo a morte estava associada a ideia de compensação ou punição.

Povoando pelo temor, a mentalidade goiana ficava em suspense, afinal quem pesava as ações era Deus, por isso o fato dos vivos desenvolverem atitudes benévolas, agraciando a coletividade em casos de ações públicas ou, por outro, casos familiares, adotando o costume testamentário. Mortos eram reconhecidos pela celebração da visita coletiva ao cemitério, ou pelo cumprimento familiar as das missas solicitadas em testamentos. Outra simbologia que serviu de recorrência as famílias, foi à utilização da pomba.



Figura 1: Pedestal revestido em mármore branco, com arabesco de pomba e guirlanda em alto relevo – Séc. XX

Fonte: Gleidson de Oliveira Moreira (2009).

Na iconografia cristã, talvez a pomba tenha sido um dos únicos animais que não apresentam conotações negativas. Ligadas à espiritualidade, a ave passou por um grande processo de cristianização. Se os antigos eslavos acreditavam que, depois da morte, a alma tomava forma de uma pomba, seu simbolismo está ligado ao ideograma da paz, simplicidade, fidelidade conjugal, pureza de costumes e de resignação à dor. (CHARBONNEAU-LASSAY, 1997 p.476).

Na Grécia, as sacerdotisas de Zeus eram conhecidas como pombas. Elas eram citadas por Ovídio, Pausânias e por Homero. Símbolo de erotismo e sensualidade em Roma, durante o período da arte cristã, essa imagem foi gradativamente suprimida, sendo substituída pela imagem da mulher pura e casta, exemplificada pela virgem Maria, antítese da pecadora Eva.

Na perspectiva da arte tumular, a imagem acima retrata o pássaro como espírito divino, aquele que leva a mensagem de um novo início a Arca de Noé: o fim do dilúvio e o

início de uma nova vida. Para Isidoro de Sevilha, a pomba aparece como um animal que faz companhia aos homens. Quando perdem o parceiro, fica solitário para o resto da vida, o que parece sugerir pelo menos duas ideias: castidade e matrimônio único e indissolúvel e até que a morte os separe. (SEVILHA, 2004 p.432)

De acordo com as epígrafes tumulares, outra evidência da correlação entre a pomba e o ser humano, pode ser observada na representação da criança e a ave:

Jazigo Perpétuo

Aqui descansa em paz o anjo Aymoré Neto Vellasco, que mal tocou com suas azas o pó da terra abandonando-a logo para subir ao céu. (1925 -1926).

No texto póstumo, a memória da criança-anjo é celebrada como aquele que não tocou a terra, e por isso não foi punida com a morte, afinal seu estado de pecador não se circunscreve apenas por ser filho do pecado, mas por conviver com pecadores. Logo, seria dirigida ao limbo.

Outro valor associado à simbologia do pombo está na identificação que a cultura popular faz entre o arrulho da pomba que significa hoje, sinal de bom agouro e o “cras” emitido pelo corvo, que significa o amanhã, o mau agouro, a anúncio em comunicar a aproximação da morte. Contudo, ao corvo está reservada a capacidade de prever o futuro, por isso a blasfêmia contra Deus revelada somente pela morte, o que chama atenção para a morte é como torna-se concebida e representada.



Figura 2: Decoração genuína, de adobe e cimento com decoração em pedra sabão.

Fonte: Gleidson de Oliveira Moreira



É neste contexto, marcado pela preocupação da morte enquanto um momento vivenciado de forma particular por cada homem que emerge, paralelamente ao surgimento das orações pelas almas dos mortos, a necessidade de personalizar o local onde o corpo do defunto irá permanecer. Os túmulos começam, então, a ostentar, desde os finais do século XI, as marcas da vivência que cada homem pretende transmitir aos seus contemporâneos, aos vindouros e aos membros da Corte Celestial, transformando os monumentos funerários em lugares destinados a perpetuar a imagem do defunto em vida para que ela condicione a sua vivência *post-mortem*.

Na imagem acima vê-se um túmulo de 1900, construído em formato de igreja fortificada por colunas. Neste sentido, “tudo” é cuidadosamente pensado quanto ao processo de elaboração da última morada dos restos corpóreos. Monumento, simultaneamente, retrospectivo e prospectivo, nele se pretende representar a imagem que cada homem quer transmitir acerca do que foi a sua vida, e sobre o local desejado para o repouso da alma, a Corte Celestial destinada aos eleitos. O monumento funerário integra-se, assim, progressivamente, na acepção do que Jacques LeGoff denominou de monumento/documento.

Importante, não era, porém, apenas o túmulo, mas também o lugar onde ele iria permanecer. Dentro ou adscrito a uma igreja, ou, mais tardiamente, a uma catedral, e, nestes templos, em espaços destinados ao apaziguamento das preocupações dos vivos, procurando os locais eleitos pelos santos homens que deveriam proteger o indivíduo e encaminhá-lo para o reino dos venturosos. Nas instituições religiosas constroem-se, então, arcosólios e “abrem-se” capelas, com decorações murais e escultórias, onde os túmulos eram depositados segundo um plano minuciosamente escolhido. Nada devia ser deixado ao arbítrio, visto assim o exigir à segurança da vida eterna.

É, portanto, neste contexto que se encontrará nas tampas dos túmulos, em consideração, as dos cães que se postam aos pés dos defuntos figuradas nos jacentes. Nos casos referenciados a família tradicional da cidade de Goiás, dois túmulos ostentam esculturas de cães em bronze. Estes, situados em posição vertical, apoiando os pés da representação do defunto, ou seja, perpendiculares em relação ao corpo figurado no jacente, sobressaem de forma mais ou menos evidente, permitindo a sua visualização a quem observa o túmulo, já que a sua cabeça se encontra voltada pelo olhar humano (na foto).



Figura 3: Túmulo familiar
Fonte: Gleidson de Oliveira Moreira

Podemos, então, verificar como os cães surgem posicionados, tanto voltados para o Além, uma vez que se encontram na tampa da sepultura, como orientados de forma a serem visíveis pelos vivos, constituindo, por outro lado, um elemento escultório para representação jacente.

A posição de ataque do cão representa a prontidão do animal em defesa do dono, na mesma medida o dono está atento a seus compromissos com seus apaniguados, fossem eles políticos ou não. Ideia que reforça o jargão: “Os Caiado não deixam companheiros na chapada”.

Na Idade Média o cão nem sempre se associou a uma simbologia positiva. No entanto, progressivamente ele tende a representar o símbolo, por excelência, da fidelidade, tal como, de resto, foi transmitido pelos autores da Antiguidade. Louis Charbonneau-Lassay refere, a tal propósito, que a arte cristã “le hizo justicia e hizo de él el símbolo de Fidelidad, de todas las fidelidades. En este sentido estaba echado al pie de las reinas y de las mujeres de bien, en sus monumentos funerarios, y también a los pies de los señores vasallos y de los escuderos fieles”. Imagem cuja simbologia elevou o cão a símbolo de fidelidade dos vassallos para com o Senhor das terras, da mulher para com o marido.

Em outra imagem de túmulo aqui exposto o cão caçador surge associado a um vassalo de seu senhor, cujo epitáfio evoca precisamente essa condição de fiel servidor a seu proprietário.



Figura 4: Túmulo familiar. Epígrafe: “Aqui jaz um marido amoroso e pai dedicado. Um servo a serviço de seu senhor, atento e fiel”.

Fonte: Gleidson de Oliveira Moreira

Perante a figuração do cão, este é tratado enquanto símbolo de fidelidade vassálica podendo, igualmente, no segundo nesse caso, também evocar a fidelidade do morto à Ordem a que pertenceu e, por extensão, à própria divindade. No que respeita ao senhor Deus, a simbologia não deve ser muito diferente, dado o fato de ele ter sido um fiel servo, embora neste caso, possa remeter para um valor de fidelidade conjugal, uma vez que este é um túmulo familiar. Nesses casos o cão evoca a fidelidade do servo para com seu senhor, figurando um valor sócio-político escolhido pelos próprios sepultados para lembrar o significado último de sua terrena existência, já que os sepulcros em que estão foram por eles encomendados ainda em vida.

Com efeito, um segundo elemento pode ser observado nessa simbologia, a do “bom casamento”, ideia que reforça o papel de apologia do matrimônio e do amor conjugal. É certo, porém, que a esta simbologia tumular dos cães, remete para o estatuto social dos defuntos. Na verdade, os cães perdigueiros representados nos monumentos funerários masculinos, evocam a caça praticada pelos nobres, enquanto os pequenos cães figurados nos túmulos das damas remetem para a sua condição de fidalgas. Tendo sido a caça efetuada com cães e/ou com aves de rapina, uma das mais valorizadas atividades de lazer e de treino guerreiro dos nobres, eles acabam, por remeter os tumulados para esta classe social.

Ora, se o intuito de representar o boi, a pomba e o cão foi o de marcar a memória da filiação segundo linhagem dos priores sepultados, as suas imagens não deixam de se associar



a quotidianos e a realidades naturais onde se inspiraram as representações heráldicas, embora não constituindo tema abordado, fortaleceu o papel da memória.

Ao longo do nosso estudo observamos que a representação de animais aumenta e diversifica-se à medida que "descemos" da tampa, local privilegiado para o homem se mostrar a Deus, para os laterais, cabeceira e secção dos pés do túmulo onde os animais se encontram num plano dirigido para a visão humana, com uma ligação simbólica ao defunto que remete, no caso dos cães, para a sua função terrena, e para a sua integração linhagística, no caso dos brasões, embora os escudos de armas também possam surgir, mas em menor número, nas tampas. Encontramos, igualmente, presentes nos arcazes representações que remetem para figurações alegórico-simbólicas de marcado conteúdo religioso e político.

Encontramos ainda animais representados com a intenção de perpetuar aquele que foi o estatuto social do defunto em vida e a sua integração familiar, pelo que o túmulo se constitui como um "monumento/documento" onde se preservam "sinais" individualizadores que os homens transmitiram de si próprios, tendo em vista, tanto o julgamento terreno quanto o divino. Como tal, as representações dos animais, embora alguns deles sejam próprios do quotidiano, não surgem majoritariamente como figurações deste, sobressaindo, antes, como codificações simbólicas que remetem os animais para as funções referidas. Pensar o emprego da simbologia animal no cemitério Miguel Arcanjo, chama a atenção para a importância da reterritorialização do cemitério como espaço de poder, no qual o sagrado é uma força apropriada.

Referências

BEIGBEDER, Olivier. *Léxico de los Símbolos*. Madrid: Encuentro, 1995.

BRUINELLI, Tiago de Oliveira. Simbologia animal: A pomba e o corvo nos bestiários medievais. Revista Aedos. UFRGS, 2008

BURKE, Peter. Testemunha Ocular: História e Imagem. Bauru: EDUSC, 2004

CIRLOT, Juan Eduardo. Dicionário de Símbolos. São Paulo: Centauro, 2005.

CHAMBEL, Pedro. A Simbologia dos Animais: "A Demanda do Santo Graal", Cascais, Patrimonia, 2000, p.18.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. As utopias Medievais. São Paulo: Brasiliense, 1992.



GARCIA, José Manuel. Breve História dos Descobrimentos e expansão de Portugal. Lisboa: Editorial Presença, 1999

GOMBRICH, E. H. A História da Arte. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1999.

GÓMEZ & MIX. Título do texto. In: MARCONDES, Neide & BELLOTTO, Manoel. Labirintos e nós: imagem ibérica em terras da América. São Paulo-SP: UNESP, 1999

HOLANDA, Sergio B. de. Raízes do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LOUIS, Charbonneau-Lassay. El Bestiário de Cristo - El Simbolismo Animal en la Antigüedad y la Edad Media, vol. II, Palma de Mallorca, Sophia Perennis, p.775

LEGOFF, Jacques. Em busca da Idade Média. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
_____. “Documento-Monumento” in R. Romano (dir.), Enciclopédia Einaudi, Vol.1, Memória-História, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984, pp.95-106.

SEVILHA, Isidoro. Etymologiarum Edición bilingüe (latim espanhol) de J. ° Reta e M. A. M. Casquero, com introdución de Manuel C. Díaz e Díaz. Madrid: BAC, 2004.

MARCONDES, Neide & BELLOTTO, Manoel. Labirintos e nós: imagem ibérica em terras da América. São Paulo: UNESP, 1999.

RIBEIRO, Mirian Bianca Amaral. Memória, família e poder: história de uma permanência política – Os Caiado *em Goiás*. Dissertação. UFG. 1999